



QUAL O PECADO DO JESUS GAY? A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE UM COMENTÁRIO SOBRE O ESPECIAL DE NATAL “A PRIMEIRA TENTAÇÃO DE CRISTO”

Wesley Bahia Machado¹

Gilberto Nazareno Teles Sobral²

O canal Porta dos Fundos se consolidou no cenário do humor Brasileiro, sendo, atualmente, um dos canais mais famosos no Youtube Brasil. A SocialBlade, site que presta o serviço de rastreamento de estatísticas e análises de mídias sociais, indica que o Porta dos Fundos é o 17º maior canal em quantidade de inscritos no Brasil, totalizando uma base de 16,7 milhões de pessoas. Ainda segundo o site, ele ocupa a 87ª posição mundial dentre os canais de entretenimento.

O canal se destaca por fazer um humor não estagnado nas piadas prontas, mas que acompanha as tensões e mudanças sociais, produzindo material em torno de problemáticas latentes no cotidiano brasileiro, tais como o racismo, LGBTfobia, machismo, xenofobia e ação de milícias. No ano de 2020, por exemplo, além de retratar aspectos do novo normal como reuniões de trabalho e vida conjugal, o grupo criticou de maneira ferrenha a postura negacionista com a qual o atual presidente Jair Bolsonaro lidou com a pandemia do Covid-19.

Além dessas temáticas, o grupo produz vídeos em torno das diversas religiões que compõem o cenário brasileiro dentre as quais podemos citar o catolicismo, o neo-protestantismo, o candomblé, umbanda e o espiritismo. Sempre utilizando algum elemento dessas liturgias em seu projeto de tecer críticas ao comportamento social das pessoas. Dentre esses vídeos, destaca-se, anualmente, a realização do especial de Natal, em que o Porta dos Fundos produz esquetes que satirizam passagens da literatura bíblica envolvendo o nascimento de Jesus, valendo-se desse evento para tecer críticas a demandas sempre atualizadas da sociedade brasileira

O especial de 2019, *A primeira tentação de Cristo*, narra o evento bíblico do retorno de Jesus após quarenta dias de jejum no deserto (Lucas 4, 1-13). Ele regressa para casa levando consigo seu *affair* Orlando e se depara com uma festa surpresa para comemoração do seu 30º aniversário. Nessa noite, Deus, Maria e José resolvem contar a Jesus quem é o seu verdadeiro pai e qual a sua missão na terra, enquanto Belchior, um dos três reis magos, tenta lidar com sua nova namorada Telma, uma oportunista garota de programa.

A produção se atém a elementos clássicos das reuniões familiares e festas natalinas, como a “Tia Lupita”, que representa o parente senil e regado de preconceitos e racismos. O Especial escancara,

¹ Discente de graduação em Letras Vernáculas (UNEB)

² Professor Doutor do curso de Letras Vernáculas (UNEB) e do programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL – UNEB)

também, o moralismo e hipocrisia, uma vez que todos os homens criticam Belchior por se envolver com uma prostituta, mas que, ao mesmo tempo, quando ela oferece seus serviços como presente do amigo secreto, todos se candidatam a recebe-los. A infidelidade é outro traço retratado por meio de Maria que, apesar de ser casada com o bondoso, amoroso, prendado e ingênuo José, sente uma forte atração sexual pela representação de Deus, que constantemente assedia e provoca a mulher com suas investidas sexuais.

Apesar de desenvolverem suas produções de Natal em torno de possíveis dogmas, aqui tomados como pontos fundamentais ou mais importantes de uma doutrina religiosa que se apresentam como algo indiscutível ou inquestionável (FERREIRA, 2010), tais como o possível envolvimento de José com prostitutas, em 2014, o Deus alcohólico, em 2015, ou até a crucificação de Jesus decorrente de um desafio proposto por apóstolos em uma festa, em 2018, não houve nenhuma grande repercussão da sociedade. Entretanto, *A primeira tentação de Cristo* mobilizou severamente setores mais conservadores da sociedade por retratar a figura de Jesus como um homem gay, demonstrando que há uma hierarquia entre dogmas, sendo a (hetero)sexualidade de Jesus, jamais explicitada na literatura bíblica, a que ocupa a posição mais alta.

Grupos mais tradicionais da sociedade, principalmente aqueles ligados às religiões neo-protestantes reagiram de forma extremamente negativa à produção do Porta dos Fundos. O especial foi metonimizado à homossexualidade do personagem de Jesus, todos os outros pontos, inclusive entusiastas do amor divino, foram negligenciados e esquecidos. Esses agentes se organizaram em repostas que foram da tentativa de boicote da Netflix, ações judiciais e, até mesmo, um atentado terrorista à sede do Porta dos Fundos.

Ao compreender a sexualidade, em especial a homossexualidade, em seu imbricamento com o religioso, deve-se levar em consideração aspectos que os constituem dentro de um tecido social, histórico e, principalmente, ideológico. E, como eles são e reverberam sentidos dentro desse contexto, uma vez que tanto a sexualidade quanto a religião são atravessadas pela linguagem, são passíveis de interpretações variadas. Portanto, a realização das análises propostas neste trabalho tomou como referência uma ciência da linguagem que não negligenciasse a constituição sócio-histórica e ideológica dos sentidos, tampouco que considerasse os sujeitos enquanto indivíduos idealistas, origem e fonte dos sentidos, desconexos de uma malha histórica que os antecedeu e os constituem. Em virtude desses critérios, optou-se pela Análise do Discurso francesa, vinculada a Michel Pêcheux

Entende-se que o discurso é definido como “efeito de sentido entre os locutores’ (PECHÊUX, 1969). E por efeito deve-se entender o lugar de não transparência. Em outras palavras, uma palavra não tem um sentido próprio, ela não funciona como um elo de obviedade entre ela e o que é tomado como referência, como se os sentidos partissem de uma abstração que fossem independentes das condições materiais da existência. Pêcheux (1997, p. 160) afirma que:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literariedade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Partindo dessa afirmação, pode-se concluir que o sentido é ideologicamente determinado, uma vez que a Ideologia é inscrita na linguagem. Tudo que é atravessado pela linguagem não é jamais neutro ou a-ideológico, a ideologia funciona como a maneira pela qual os homens vivem a sua relação com as

condições reais de existência, e esta relação é necessariamente imaginária (BRANDÃO, 2004, p. 22), porque opera o domínio do simbólico, entretanto, a ideologia não deve nunca ser vista em uma concepção idealista que a compreende como um conjunto de ideias ou pensamento, mas enquanto dotada de uma existência material.

Como já dito, não há indivíduo empírico do ponto de vista discursivo, uma vez que todos são sempre já sujeitos, não há como ser um ser social sem estar interpelado por uma ideologia e, conseqüentemente, um sujeito. Uma criança, ao nascer, já é interpelada por essa categoria de sujeito “filho” dentro do bojo do Aparelho Ideológico familiar e, a partir dessa interpelação em sujeito-filho, que há a reprodução das práticas sociais que condizem com essa categoria. Nas palavras de Althusser (1985, p. 98):

a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos. Sendo a ideologia eterna, devemos agora suprimir a temporalidade em que apresentamos o funcionamento da ideologia e dizer: a ideologia sempre/já interpelou os indivíduos como sujeitos, o que quer dizer que os indivíduos foram sempre/já interpelados pela ideologia como sujeitos, o que necessariamente nos leva a uma última formulação: os indivíduos são sempre/já sujeitos. Os indivíduos são, portanto, “abstratos” em relação aos sujeitos que existem desde sempre.

Essa interpelação decorre de uma formação social que, em um dado tempo, organiza-se em seu complexo de instituições para fornecer aos sujeitos as práticas necessárias para garantir a reprodução dos meios de produção. Haroche, Pechêux e Henry (1971) vão chamar essas práticas de Formação Ideológica, afirmando que são “conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras”

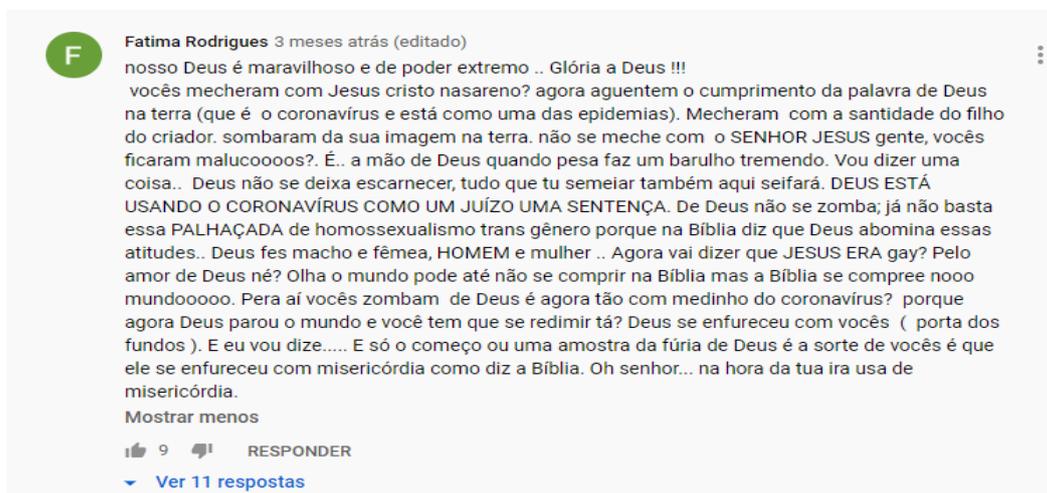
As Formações Ideológica são a base das Formações Discursivas, que é aquilo que “numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito.” (PECHÊUX, 1997, p. 160). Esmiuçando, é na Formação Discursiva que se os objetos “ganham” sentidos. Por exemplo, os sentidos em torno da palavra “veado” vão ser diferentes conforme a formação discursiva em que ela se inscrever. Em uma Formação Discursiva da biologia, ela terá o sentido de um animal, enquanto em uma Formação Discursiva da homofobia, ela terá significará uma ofensa.

Um último ponto a se tratar sobre a constituição do sentido, neste trabalho, compreende o discurso em um movimento de paráfrase e polissemia. Orlandi (2012) considera que os movimentos parafrásicos constituem uma zona de estabilidade, é o lugar em que o sentido permanece o mesmo, sendo atualizado pelo sujeito. Porém, não é o sentido que se modifica e sim a sua formulação que é alterada, ou seja, diferentes dizeres que se constituem pelo mesmo discurso. Já a polissemia opera com a ruptura do discurso cristalizado, apresenta a potencialidade do sentido sempre ser outro, é o lugar da inovação que trabalha com o equívoco da linguagem. Orlandi (2012, p. 38) diz que:

a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentidos no mesmo objeto simbólico.

Um exemplo que ilustra bastante a força da polissemia no discurso foi o Especial de Natal do Porta dos Fundos, do ano de 2019. Como já foi citado na primeira seção deste trabalho, essa produção representa o objeto simbólico “Jesus” como um homem gay. Ao fazer isso, o sujeito humorista irrompe com um sentido cristalizado que constrói a imagem desse objeto como um homem heterossexual. Provoca uma ruptura em uma memória discursiva que “elege numa determinada contingência histórica aquilo que, numa outra conjuntura dada, pode emergir e ser atualizado, rejeitando o que não deve ser trazido à tona” (BRANDÃO, 2004, p. 79). Essa memória rejeita que a figura de Jesus esteja produzindo sentidos outros que não o da heterossexualidade. Por isso, também, que esse especial gerou tanto impacto negativo, pois, ao deslizar o objeto Jesus da sua Formação Discursiva da heterossexualidade e inscrevê-lo na Formação Discursiva da homossexualidade, desestruturou, também, toda a memória coletiva que cristalizou a imagem dele.

A materialidade abaixo foi escrita no mês de abril, cerca de quatro meses após o lançamento do Especial e possui poucas interações, menos de 10 *likes* e 11 respostas, entretanto, foi o comentário mais extenso publicado até a data da montagem do *corpus*.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=XP9IX27D4Vo&t=1s&ab_channel=NetflixBrasil

O sujeito é interpelado pela Formação Ideológica do Cristianismo, assumindo a forma sujeito cristã. Logo de início, têm-se a saudação marcada pelo pronome possessivo “nosso” que indica que o Deus não é somente pertencente àquele sujeito, mas uma divindade coletiva e universalizada para todos os seres sem exceções. A imagem de Deus é construída pelos qualificadores “maravilhoso” e “de poder extremo”, inserindo o divino em um discurso de fascínio e autoridade, respectivamente. Por fim, há o enunciado cristalizado do ‘Glória a Deus”, que reforça e exalta a figura do Deus, na FD Cristã.

A FD Homofóbica está presente construindo sentidos nessa materialidade. pois o deslizamento de sentidos produzido pelo Especial, ao representar um Jesus gay, é reafirmado negativamente pelo sujeito ao considerá-lo como uma quebra da santidade porque aquilo que é sacro não pode ser associado, de maneira positiva, ao homoafetivo, portanto, deve ser interpretado como uma zombaria, uma perversão da imagem sagrada. Há aí a paráfrase, a repetição e manutenção de sentidos para que a homoafetividade permaneça em uma matriz semântica negativa em relação aquilo que é celestial e sublime, sendo essa relação, na FD Neopentecostal, fundamental para seu funcionamento.

O usuário segue com seu comentário “É... a mão de Deus quando pesa faz um barulho tremendo. Vou dizer uma coisa... Deus não se deixa escarnecer, tudo que tu semeiar também aqui seifar. DEUS ESTÁ USANDO O CORONAVIRUS COMO UM JUIZO UMA SENTENÇA.”. Nessa sequência, há também a FD Jurídica, que evoca na “mão de Deus” que “quando pesa faz um barulho tremendo” a memória discursiva de um júri que em um juiz, detendo um malhete na mão, golpeando-o contra uma superfície, produz um pequeno som ao proferir a sentença do réu. O sujeito explicita alguns elementos desse jogo semântico, como Juiz-Deus e Sentença-Coronavirus, mas a posição semântica de réu não é evidenciada a não ser pela construção “tudo que tu semeiar também aqui seifar”. Compreendendo o Covid-19 como um vírus que matou, somente no Brasil mais de 620 mil pessoas, quem representa o “tu” que semeou e que também foi ceifado? Produz-se o discurso de que o Juiz (Deus) sentenciou o réu (humanidade) à sentença de uma pandemia, mesmo que tenha sido uma parcela irrisória dessa humanidade que o tenha escarnecido naquela produção.

Prosseguindo com “De Deus não se zomba; já não basta essa PALHAÇADA de homossexualismo trans gênero porque na Bíblia diz que Deus abomina essas atitudes... Deus fes macho e fêmea, HOMEM e mulher.. Agora vai dizer que JESUS ERA gay? Pelo amor de Deus né?”. Observa-se a presença da FD Homofóbica, pois o uso do “já não basta essa PALHAÇADA de homossexualismo trans gênero” produz um sentido de limitação, como se a homossexualidade e a transgeneridade já tivessem sido levadas ao extremo do absurdo, além do próprio destaque para as letras maiúsculas da palavra “palhaçada” que evidenciam algo risível e que não deva ser levado a sério. O sujeito opta pela escolha do termo “homossexualismo” em detrimento de “homossexualidade” ou “homoafetividade”, resgatando a memória que inscreve os homossexuais como sujeitos que sofrem de uma patologia e que são construídos semanticamente enquanto prática, os sujeitos não são homossexuais, eles possuem práticas homossexuais, que, por sua vez, são abominadas por Deus.

A FD Biológica corrobora para a construção dos sentidos negativos em torno da homossexualidade, pois o sujeito, ao materializar que “Deus fes macho e fêmea, HOMEM e mulher”, produz uma relação necessária entre sexo, componente biológico, e gênero, componente social, em que macho está para homem, assim como fêmea está para mulher. E o homossexual desestabiliza essa lógica, sendo considerado menos homem, uma vez que o destaque dentre as quatro categorias levantadas pelo sujeito recai sobre ele. Todos os outros sentidos possíveis para a sexualidade, envolvendo as identidades de gênero e orientações sexuais, são descredibilizadas e inferiorizadas por não estarem no projeto de criação de divina. Há o destaque para “Agora vai dizer que JESUS ERA gay? Pelo amor de Deus né?”, mas não é um destaque para evidenciar, opera-se um sentido de absurdo, por meio da marca “Pelo amor de Deus né” inserindo o Jesus gay como algo impensável no contexto divino.

Continuando com “Olha o mundo pode até não se cumprir na Bíblia mas a Bíblia se cumpree nooo mundo. Pera ai vocês zombam de Deus é agora tão com medinho do coronavírus? Porque agora Deus parou o mundo e você tem que se redimir tá?”, há uma hierarquização entre os sentidos de “Bíblia” e “Mundo”. O livro sagrado reveste-se de um discurso profético, inscrevendo-o no domínio do místico e do inevitável, enquanto ao mundano cabe a submissão e o retorno sempre necessário ao cumprimento da escritura. A Bíblia materializa-se no mundo, por mais que o terreno tente-se furtar disso, o prenúncio é inelutável. O cumprimento da Bíblia se concretizou, na terra, por meio do Covid-19, o sujeito atualiza uma memória discursiva de que em grandes crises de saúde pública há um alguém (grupo social) a ser

culpabilizado, como, na década de 1980, os homossexuais foram vistos como responsáveis pelo surgimento e propagação do HIV.

Destaca-se também a FD Intimidadora uma vez que a escolha de léxico “medo” no diminutivo que produz um efeito não de inferioridade, mas de ironia e intimidação. “Medinho” contrasta com a figura de Deus, enquanto um ser, como já afirmado pelo sujeito, de poder extremo, capaz de “parar o mundo” e, ao “zombar” dele, o interlocutor, marcado pelo pronome ‘você’ deve arcar com as consequências e buscar a remissão.

No excerto “Deus se enfureceu com vocês (porta dos fundos). E eu vou dizer.... E só o começo ou uma amostra da fúria de Deus é a sorte de vocês é que ele se enfureceu com misericórdia como diz a Bíblia. Oh senhor... na hora de tua ira usa de misericórdia.” o sujeito, pela primeira vez, faz a marcação do seu interlocutor, Porta dos Fundos, a quem dirige o alerta da punição divina e, mais que evidenciar quem foi o responsável por enfurecer a figura de Deus, determina-se alguém a ser culpabilizado pelo castigo, produz-se o sentido de que o divino pune a humanidade inteira pelo sacrilégio de alguns poucos. Observa-se a FD da Clemência operando sentidos que balanceiam a sacralidade de Deus apesar de sua fúria. A ira, que é um dos pecados primordiais, que subverteria a pureza divina, é equalizado com a misericórdia e a benevolência, que atuam e devolvem a imagem de Deus ao discurso da santidade.

Pode-se perceber que essa materialidade constrói uma discursividade alçada em um discurso homofóbico que atribui a representação do Jesus gay como a causa da ira e, conseqüentemente, a punição divina com uma pandemia que matou mais de cinco milhões e meio de pessoas no mundo. Deus, nesse discurso, é uma divindade, primordialmente, punidora, não é construído, salvo a sua misericórdia, nenhum sentido de amor ou afeto, a Bíblia é, também, um livro que demonstra as punições divinas, não se produz sentidos outros, nessa materialidade, para compaixão. E a mola motriz disso tudo é a homossexualidade, responsabilizada por todas as malezas que se seguem no mundo.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: UNICAMP, 2004.
- BRASIL, Netflix. Especial de Natal Porta dos Fundos 2019: A Primeira Tentação de Cristo. Trailer oficial. **Youtube**, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XP9IX27D4Vo&t=1s&ab_channel=NetflixBrasil.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Paraná: Positivo, 2010.
- HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. *In*: BARONAS, R. L. **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. São Carlos SP: Pedro & João Editores, [1971] 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: Princípios e Procedimentos. 10. ed. São Paulo: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.